



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

DE JANELAS ABERTAS: A EDUCAÇÃO DO SENSÍVEL

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Dulce Mörschbacher

Santa Maria – RS

2014

DE JANELAS ABERTAS: A EDUCAÇÃO DO SENSÍVEL

Dulce Mörschbacher

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Santa Maria – RS. Como requisito parcial para a obtenção do grau de **licenciada em teatro**.

Orientadora: Professora Mestre Raquel Guerra

Santa Maria – RS

2014

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova este Trabalho de Conclusão de Curso, denominado

DE JANELAS ABERTAS: A EDUCAÇÃO DO SENSÍVEL

ELABORADO POR
Dulce Mörschbacher

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciada em teatro

COMISSÃO EXAMINADORA:

Professora Mestre Raquel Guerra
(Orientadora)

Professora Mestre Cândice Moura Lorenzoni

Professora Mestre Camila Borges

Professora Doutora Miriam Benigna Lessa Dias

**Santa Maria – RS
2014**

Sumário

Das comunhões que me constituem.....	6
1. Os avessos contemporâneos e a educação do sensível	15
2. Encontro de pequenos mundos	22
Epílogo	27
Referências bibliográficas.....	29

Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem compartimentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas.

*Manoel por Manoel
Manoel de Barros (in memoriam)*

Das comunhões que me constituem

Nasci e morei até os dezessete anos no interior de uma cidadezinha do extremo oeste de Santa Catarina chamada São Miguel da Boa Vista.

Aprendi com meus pais a trabalhar na roça como se fosse brincadeira. Ganhava ferramentas de trabalho sempre em miniatura. Era a enxada de cabo e fio pequenos, o balaio que cabia só um punhadinho de pasto ou algumas espigas de milho.

Como morava longe da cidade não frequentei a pré-escola, minhas primeiras lições escolares foram ensinadas por meu pai e minha irmã mais velha. No ano de 1999 ingressei na primeira série do ensino fundamental.

Quando cheguei de ônibus até a escola tudo era novo para mim, o jardim parecia enorme e o cheiro de giz branco se espalhava pelos corredores. A sensação mais emocionante foi quando o sinal bateu e era hora de entrar na sala de aula. Fiquei com um frio na barriga e não conhecia ninguém da minha turma. Quando a professora entrou na sala com um largo sorriso, fez com que tudo ficasse mais calmo.

Nas aulas das séries iniciais sempre fui lenta para entender os conteúdos, minha escrita era devagar e os números pareciam ser meus inimigos. A única coisa que entendia de fato eram os desenhos. Deles sim conseguia entender o que eram as horas, os ábacos e a matemática, as diferenças de planalto, serrado, serra. Enfim, o desenho era um grande aliado para facilitar meu aprendizado.

Mesmo no meio da terra vermelha e das sementes, quando tinha cinco ou seis anos meu sonho era ser bailarina. Lembro-me que volta e meia era flagrada dançando em frente à geladeira ou rodopiando no lado do galpão quando o sol já estava se pondo. Era tão bonito ver minha sombra girando esticada nas paredes. Com o tempo percebi que minha vontade de menina ser bailarina estava cada vez mais distante, pois onde morava, não existia “esse tipo de coisa”.

Em 2005, um convite despertou em mim um novo sonho. O sonho do teatro! Lembro como se fosse hoje, era um dia comum na escola. Até que depois do recreio a secretária chamou pelo meu nome na porta da sala de aula. A turma toda olhou para mim com os olhos arregalados. Enquanto me direcionava para a porta, fui pensando no que tinha feito de errado naquela semana e já fui pensando em quais

explicações poderia dar. Porém, no lugar de alguma cobrança, recebi um convite para participar de uma oficina de teatro que começaria no final de semana.

No sábado, fui caminhando até a cidade com meu primo. Antes de começar a oficina, organizamos a sala onde seria o encontro tirando as classes lá de dentro e empilhando-as no corredor. O nome daicineira era Giovana Spadinni, ela vinha de Santa Maria –RS, para mim até então, uma cidade estranha.

Em todos os encontros sentia um frio na barriga e ficava com os olhos e o corpo sempre curiosos. Foram três meses de oficina e aos poucos ia percebendo que estava me apaixonando por aquele universo novo que estava adentrando e que queria aprender sempre mais sobre teatro e aquela nova forma de me expressar.

Dentre todas as surpresas que tive no decorrer dos encontros, a maior foi quando lá no meio da oficina recebemos uma apostila com vários textos sobre a história do teatro e palestras de alguns autores de nomes difíceis como, por exemplo, Stanislavski, Pavis, Grotowski, Jouvet, e por aí ia. Assim descobri que existia também uma teoria teatral e foi uma das melhores descobertas que pude ter até aquele momento.

Ao final dos encontros, aicineira comentou que seria interessante apresentarmos algo que construímos para as pessoas de nossa cidade. E que depois para encerrarmos a oficina, faríamos junto com outros municípios da região, uma mostra teatral onde cada município apresentaria seu trabalho desenvolvido no projeto.

A partir deste dia começamos a juntar algumas cenas que já tínhamos improvisado e começamos a trabalhá-las. Também lemos um texto que se chamava “Augusto jantar” de Alcione Araujo. Conversamos sobre o texto e surgiu a ideia de montarmos a peça, mas que poderíamos dar mais a nossa cara interiorana para ele. Assim surgiu nossa peça que se chamava “A vida de Eulália”, uma livre adaptação de “Augusto jantar”.

No dia da apresentação foi tudo novidade para mim. Corre, faz e prova figurino, pensa na maquiagem, cenário. Conversa com o pessoal da prefeitura para conseguir o transporte e o salão comunitário para apresentar, fazer os cartazes e colá-los pela cidade. Tínhamos palco, cadeiras e sujeira. Arrumamos tudo. A apresentação foi tranquila na medida do possível. Deu frio na barriga e tremedeira na perna. Uma experiência única.

O encerramento da oficina ocorreu nos dias 04 e 05 de dezembro de 2005 na cidade vizinha, que se chama Maravilha - SC. Foram apresentadas 25 peças criadas pelos nove municípios que participaram do projeto. Na primeira noite fomos assistir as apresentações. Foi mágico. A luz se apagava e aos poucos a cortina ia se abrindo a luz no palco começava a surgir e a cena iniciava. Senti uma sensação difícil de explicar, mas que até hoje sinto quando um espetáculo está prestes a começar.

Quando amanheceu o domingo do dia 05, já acordei pensando em tudo que teria que levar para Maravilha. Iríamos desde cedo nos encontrar com os outros grupos e nos preparar para as apresentações da noite. No instante em que chegamos, o salão tinha outra cara, estava vazio se comparado à noite anterior, as cadeiras estavam afastadas em um canto e as cortinas do palco estavam abertas.

Permanecemos lá o dia todo nos preparando para as apresentações da noite. E, no momento que a noite chegou, no salão havia um sentimento em comum junto com o cansaço que o dia tinha causado. Este sentimento era uma mistura de medo e satisfação. Quando chegou a hora de apresentar veio novamente o frio na barriga e a tremedeira nas pernas, meu coração parecia que ia saltar do avental que usava.

No ano seguinte recebemos a notícia de que não haveria mais as oficinas, pois as prefeituras envolvidas com o projeto não assinaram novamente os contratos. Tentamos reunir o grupo novamente, mas poucos quiseram retomar o trabalho.

Passaram-se quatro anos deste episódio. Entre este tempo, me envolvi com as apresentações nas disciplinas da escola e nas peças de final de ano da igreja. No ano de 2009, meu último ano na escola, tinha que optar por algum curso para tentar o vestibular.

Tomei minha decisão por volta de março deste mesmo ano quando conheci uma pessoa mais que especial e apaixonada pelo que fazia. Chamava-se Pacheco. Pacheco era um homem gordo de sorriso fácil que fazia teatro amador há dezessete anos. Passou em nossa sala de aula comentando que daria oficinas de teatro no contra turno, e que os interessados deveriam se inscrever na direção da escola. Fui uma das primeiras pessoas da lista.

Os encontros com o Pacheco eram um tanto diferentes dos que tive em 2005, hoje analisando posso dizer que era uma metodologia de ensino diferente. Com essa nova oficina voltei a ter gosto em dirigir algumas cenas e a discutir sobre teatro.

Assim no terceiro encontro quando foi perguntado o que queríamos seguir de profissão, disse decidida: quero ser professora de teatro!

Apresentamos algumas vezes para a comunidade. No dia das mães fomos intimados a apresentar alguma “pecinha” como o secretário de educação do município veio nos informar. Apresentamos alguns esquetes que questionavam o consumo e as mães que não conseguiam criar seus filhos por causa da fome. Foi a primeira vez que minha mãe me viu em cena. E a primeira vez que ela consentiu com a minha decisão de fazer teatro. Também apresentamos no município de Tigrinhos – que é vizinho de São Miguel da Boa Vista, uma peça curta em uma noite cultural.

Contudo, dois meses após termos iniciado as apresentações, por um corte de gastos financeiros da prefeitura, nossas oficinas foram canceladas e o Pacheco demitido. Mais uma vez, não tinha espaço para conversar e fazer teatro.

Tentei conversar com quem participava das oficinas para fazermos um abaixo assinado, pedindo para voltarmos a ter oficinas de teatro, porém esta tarefa não obteve sucesso. Ninguém quis se envolver em “folia” com a prefeitura. Eu não conseguia entender, a folia que meus colegas falavam era defender nossos direitos de ter educação e cultura de qualidade.

Relembrando estas passagens – a demissão de Pacheco e a ocasião da prefeitura não firmar o contrato com o projeto de 2005 – e analisando o contexto que hoje faço parte, consigo perceber o descaso público com a cultura e as artes, descaso com a formação humana.

Minha insatisfação continuava latente. Na escola questionava sobre meus direitos enquanto educanda. Já estava no terceiro ano do ensino médio e apenas recebíamos cartilhas com nossos deveres escritos nelas. Havia professores que não entregavam os trabalhos corrigidos e reclamavam de nossas notas, havia outros que passavam filmes toda aula sem nenhum propósito. Todavia, via-os trabalharem a semana toda correndo de um município ao outro, e tentando dar conta de suas tarefas enquanto educadores. Nesta perspectiva, questionava os porquês, porém, a única resposta que conseguia era “sempre foi assim”.

Isso não me bastava. Via meus pais trabalharem sol a sol na roça e quando chegava ao fim do mês não sobrava dinheiro. Muitas vezes o que era gasto para plantar não chegava nem próximo que do se recebia depois da colheita. Havia algo de errado, e não compreendia o que era.

Quando estava prestes a me formar no ensino médio, parecia que estas questões estavam mais evidentes. A prova disso foi quando nas inscrições para o vestibular meu pai, com a expressão mais séria que já vi, alertou que eram tempos difíceis e que ele poderia pagar apenas uma inscrição de vestibular. Porém, desde muito pequena, meus pais me mostraram que a vida na roça não era fácil e que se eu quisesse mudar meu futuro eles sempre estariam do meu lado. Uma porta que apontaram foram os estudos, que eles não tiveram a oportunidade de continuá-los. E sendo assim, eu precisava ter muita certeza da minha decisão de curso e universidade que me inscreveria.

Sair de casa e mudar de estado foi sem dúvida uma das escolhas mais difíceis que já tomei. O período de adaptação à cidade grande, a casa do estudante universitário – cheia de pessoas vindas de lugares completamente diferentes, com jeitos diferentes, a distância do ninho e do conforto, não foram fáceis.

Dentre estes fatores externos, teve principalmente a adaptação à vida acadêmica. Tudo era tão diferente do que eu sabia sobre teatro. Os termos, a prática, o treinamento, meu corpo doía. Várias vezes, diferente do que acontecia quando era criança “de uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação.” (Manuel de Barros, Manoel por Manuel, 2010), me comparava com meus colegas que há tempos faziam teatro em suas cidades, me sentia perdida diante desta vida nova.

Pensei em largar tudo. Fugir da cidade, largar o curso, mas, e depois? Ir para onde? Fazer o quê? Refletia, era meu sonho que estava acontecendo. Pela primeira vez tinha espaço para falar sobre teatro a toda hora. Acalmava-me e pensava: tudo ao seu tempo.

Era meu tempo de amadurecimento, de enfrentamento comigo mesma. Deparei-me com os preconceitos incrustados em minha formação e meus conservadorismos. Confrontei minhas crenças, descobri meu corpo, minha imaginação.

No primeiro semestre do curso, no ano de 2010, cursei uma disciplina complementar de graduação sobre as peças didáticas de Brecht ministrada pela professora Beatriz Pippi. Esta disciplina me fez perceber muitas das minhas inquietações a respeito das relações sociais e esclarecer um pouco sobre a contradição que funda a divisão da sociedade em classes (a contradição capital-trabalho) e as diferenças gritantes entre a classe trabalhadora e a burguesia. Depois

desta disciplina em vez de saciar as perguntas que cultivava em mim, elas surgiam com maior frequência e mais pertinentes.

A partir de então, cada vez mais me identificava com encenadores e suas ações teatrais e suas formas de intervir na sociedade com o teatro. A cada etapa do estudo ia percebendo que o teatro era um mundo novo e extenso, eu precisava descobrir não só para o meu prazer, mas sim, era uma responsabilidade levar este “outro mundo” para os lugares e pessoas que não têm acesso a esta arte. Assim, começava surgir um novo olhar sobre a minha práxis dentro e fora da academia.

Comecei a identificar uma série de contradições em torno das relações da academia com a comunidade. A realidade de “fora do arco”¹ era muito diferente da realidade que observávamos de dentro da universidade. Situação que me lembra do “Mito da caverna” de Platão onde o sujeito só tem noção da realidade propriamente dita, depois que toma consciência da existência de um mundo exterior. Ele desconhece a verdadeira realidade por ter passado a vida toda conhecendo apenas as sombras e ilusões que sua própria mente criara.

Desta perspectiva, comecei a participar de discussões sobre a formação acadêmica dos futuros docentes – inclusive a minha, políticas públicas da educação, e sobre os cursos de licenciatura da universidade. Pouco tempo depois, as universidades públicas do país entraram em greve². A greve aqui na UFSM foi propulsora para minha entrada na militância e o início do contato com o Movimento Estudantil de Santa Maria.

Foram 108 dias de paralisação na universidade. Dias que passei a debater as fragilidades do sistema de ensino superior, as dificuldades do plano de carreira dos professores e os problemas estruturais da universidade. Foi neste momento que percebi que poderia interferir na realidade da academia, e que minha ação junto com as pessoas que também estavam lutando por seus direitos poderia ser importante.

Foi nesta conjuntura que percebi a importância de estar organizada enquanto classe, pois consegui entender que somente organizados os trabalhadores e estudantes tinham (e tem) possibilidade de lutar pelos seus direitos. Assim, identifiquei de fato a classe social da qual fazia parte e tinha uma decisão para tomar: ou me retirava das discussões que estavam ocorrendo e seguia minha vida

¹Monumento que delimita a entrada da Universidade Federal de Santa Maria.

²<<http://noticias.terra.com.br/educacao/ufsm-adere-a-greve-nacional-ja-sao-pelo-menos45instituicoes.527a42ba7d2da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>> Acesso em 14 de maio de 2014.

normalmente ou então reconhecia a luta histórica da classe trabalhadora e por consequência a estudantil, e começava a intervir na realidade que estava posta.

Mesmo com muitos desafios postos à minha frente, o próximo passo que dei foi entrar para o Diretório Acadêmico Luís Otávio Burnier (D.A.L.O.B).

O D.A.L.O.B representa os graduandos dos de bacharelado em Artes Cênicas e Licenciatura em Teatro e é composto por um grupo de alunos dos dois cursos. O maior desafio que se apresentou neste período foi motivar os colegas de curso a também participarem dos debates sobre nossa formação. Deste momento em diante, sempre estive envolvida nas manifestações que ocorreram na cidade. Contudo, sem participar de alguma organização política de fato.

Entrei no Levante Popular da Juventude (LPJ) durante o “II Encontro Estadual de Mulheres do LPJ” que ocorreu em outubro de 2013. O Levante é um movimento social que abrange praticamente todo o Brasil e visa contribuir na construção de um projeto popular para o país por meio da organização da juventude.

No encontro, éramos em torno de 50 mulheres das mais variadas cidades do Rio Grande do Sul. Ali debatemos sobre feminismo e a mulher trabalhadora na sociedade. Fortalecemos nossos laços.

Houve um momento ali que o tempo se suspendeu e tudo parecia extraordinariamente lílãs. O cheiro de chá e lavanda, as luzes apagadas, o farfalhar das velas, as poesias, as vozes suaves - e firmes ao mesmo tempo - a mistura de medo e a vontade de gritar, as músicas quase que sussurradas que iam aumentando de tom. Tudo medido pelo encantamento, como diria Manoel de Barros, “Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.”.

Compreendi apenas agora, no final desta graduação, que a primeira força necessária para a continuidade destes pequenos mundos que conheci e que faço parte, vem de uma palavra que vira sonho, vira vento, vira horizonte. A palavra é utopia. Galeano em uma de suas palestras foi questionado por um aluno: “mas afinal, para que serve utopia?”. Com maestria ele respondeu:

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

Depois de uma decisão tomada em uma plenária municipal do Levante, no ano de 2013, nos colocaríamos nas eleições para o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da universidade em aliança com a Articulação de Esquerda (AE) do Partido dos Trabalhadores (PT). Foram quase dois meses nos preparando com estudos sobre as universidades públicas do país, mapeando e compartilhando nossos desejos e planos de mudança dentro da UFSM. Junto com alguns colegas de curso que também participariam do DCE, planejamos estratégias de agitação e propaganda.

As votações ocorreram no dia 13 de novembro de 2013 e na madrugada do dia 14 já tínhamos a apuração dos votos que indicavam que tínhamos ganhado as eleições para a gestão 2013/2014.

Em paralelo ao DCE, participei também do “Comitê Santa-mariense pelo direito à memória e a verdade” que auxilia nos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade a resgatar as histórias “perdidas” durante o período da Ditadura Civil-militar no Brasil.

Pelo comitê, ajudei a construir várias mesas de debates com professores especializados no tema. Bem como a planejar intervenções pela cidade. Em abril deste ano (2014), se completaram 50 anos do golpe e de impunidade no país. Para esta data, planejamos um “Ato de descomemoração”. Realizamos uma marcha que tinha como pauta principal a desmilitarização da polícia, e uma intervenção na praça central da cidade.

A intervenção planejada foi um varal de poesias da época e fotografias dos presos políticos. Ao final do dia, a maioria das poesias já não estavam mais no varal, pois as pessoas que passavam por ele levavam consigo as poesias repletas de desejo de liberdade e justiça.

Enfatizo que a estrada que caminhei até aqui, nunca foi percorrida por mim sozinha. Ressalto também a importância que mundos que faço parte têm para minha formação, principalmente o Levante Popular da Juventude, pois me constroem, afetam e me transbordam de utopias e desejos de mudança.

A pesquisa que aqui compartilho, nasceu a partir de inquietações que surgiram durante e após as experiências singulares que a jornada de uma licenciatura pode proporcionar: os encontros com os educandos.

Estes encontros nos tiram de nossas zonas de segurança e nos desvelam para o outro de maneira tão peculiar que por ora, um grupo de estranhos, de

pequenos mundos, se torna um só, envolvido por uma atmosfera única. Ao longo de minha jornada no curso de Licenciatura em Teatro, foram muitos os encontros que tive, estes encontros trouxeram-me encantamentos, como diria Manoel de Barros, e alguns momentos de desencantamentos.

Afetada por estes encontros com seus encantos e desencantos trago a reflexão e a problematização das relações do sujeito contemporâneo, frente a situações do próprio cotidiano que acabam por nos anestesiar e “desligar” nossos corpos. Situações estas que geralmente se naturalizaram na sociedade atual e nos passam despercebidas.

Após esta problematização, aponto um possível caminho que possa ampliar a capacidade dos sentidos – físicos e sensíveis – da expressão, das relações pessoais e interpessoais que vêm se volatilizando com o passar dos anos. O caminho que aponto para uma possível ação é a educação do sensível.

Compartilharei com mais detalhes uma das experiências em sala de aula que mais me mobilizou a pesquisar este tema, que foi com a turma de educação de jovens e adultos (EJA) que era denominada como “turma oito” (T-8) em uma escola de Santa Maria-RS proporcionado pelo Estágio Supervisionado de Docência em Teatro II – Ensino Médio, no primeiro semestre de 2013. Durante este encontro tive que reinventar minha prática enquanto ser docente-artista, bem como me fez perceber o quão amplo pode se tornar o ensino de teatro na sala de aula.

1 Os avessos contemporâneos e a educação do sensível

Trago para este capítulo questões que permeiam as relações sociais e interpessoais na sociedade contemporânea e que se entrelaçam com o tema da educação do sensível, pois tal tema não é dissociado do tempo e do espaço. Problematicando esta sociedade que preza o consumo, o lucro, o individualismo, o imediato, que valoriza os processos rápidos, ágeis, mecânicos, virtuais, enfim, de tempo apressado e espetáculos espetaculares. E, que, se não bastasse tanta pressa e representações, acaba por moldar os sujeitos conforme seu ritmo. E, neste contexto, a educação se depara com uma série de desafios que colocam em questão como contribuir na formação dos sujeitos que têm sido moldados por esta e nesta sociedade.

O escritor e poeta uruguaio Eduardo Galeano (1940 -), por volta de 1998 quando finalizou seu livro “A escola do mundo ao avesso” refletia que “há 130 anos, depois de visitar o país das maravilhas, Alice entrou num espelho para descobrir o mundo ao avesso. Se Alice renascesse em nossos dias, não precisaria atravessar um espelho: bastaria que chegasse à janela” (GALENO, 2010, p. 02).

Passada mais de uma década desta reflexão de Galeano, pergunto-me: que avesso é esse? Para responder minha pergunta, começo a olhar para fora da janela do meu quarto e aqui utilizarei exemplos de situações do cotidiano que geralmente me passam despercebidas e que muitas vezes comprovam o quanto caminho ou me debruço em minha janela pelo simples hábito de realizar estas ações. Aparentemente, a imagem que ela me oferece é calma. Bem à sua frente tem uma estrada de pedras, dois bancos de concreto, e depois dos bancos há um campo verde, com algumas árvores, e vegetações mais baixas.

Até aqui parece que não está nada do avesso, se não fosse primeiramente a grade que há pouco tempo foi presa à janela e que fica no primeiro plano de minha visão. Então para além da grade, em um dos bancos de concreto, vejo um grupo de adolescentes que esperam o ônibus para ir à escola. Todos usam fones de ouvido - ou nas orelhas ou pendurados no pescoço -, riem cabisbaixos com celulares nas mãos, tiram fotos instantâneas e logo comentam: “Olha! Fulano curtiu a minha foto!”.

Outro diz: “Vou te marcar no meu *status*³, vê se comenta lá!”. Quando o ônibus chega eles embarcam e sentam-se em duplas, permanecem cabisbaixos mexendo em seus celulares e trocam uma ou outra palavra que não consigo identificar.

Logo depois dos adolescentes observo uma mulher que desembarcou do mesmo ônibus. Parece falar sozinha, até que identifico que ela também está com fones de ouvido. Fala gesticulando os braços dizendo que mandou o e-mail solicitado, mas seus horários estão “apertados” para se encontrar com a pessoa do outro lado da linha e sugere que conversem por *skype* na mesma noite.

Mesmo considerando a importância dos avanços tecnológicos, percebo aqui um avesso. Não posso deixar de perceber o quão o contato interpessoal destas pessoas que vi passarem estão distantes. O primeiro grupo, por exemplo, com seus telefones com internet *wifi*, *touchscreen*, *bluetooth* interage com suas pequenas máquinas e passam a ter uma vida real permeada de virtualidade. Provavelmente o grupo mantém diálogo entre si, porém muitas vezes, sem falar nenhuma palavra, escrevem, digitam. Deslizam seus dedos pela tela e riem cabisbaixos.

O professor e pesquisador do Instituto de artes da Universidade de Campinas (UNICAMP), João Francisco Duarte Júnior em sua obra “A educação (do) sensível” (2000, p. 67), ao discutir sobre a inserção e apropriação tecnológica na sociedade, traz como exemplo o trabalho dos médicos em seus consultórios afirmando que:

[...] convém que se registre o fato de hoje a dependência em relação à alta tecnologia ter feito com que os médicos significativamente se afastassem mais e mais do próprio corpo de seus pacientes. Isto é: de maneira progressiva o conhecimento corporal direto e exercido através de toques, auscultações e observações veio sendo trocado pela coleta de materiais para exames em laboratórios e pela investigação levada a cabo por máquinas e aparelhos sofisticados que, em teoria, substituem uma avaliação sensível por parte do profissional. Não que tal tecnologia seja dispensável, porém seu papel deveria ser muito mais o de ampliar a capacidade avaliativa do médico do que o de substituí-la, [...]. Alegoricamente, o microscópio deve ampliar a capacidade do olhar sem, no entanto, pretender substituí-lo.

Com base nesta afirmação e refletindo sobre a ação dos adolescentes com seus celulares, verifico que o papel de tais máquinas multifuncionais hoje, se bem aproveitadas, tem quase que a mesma função dos microscópios na profissão dos médicos e cientistas: ampliar a capacidade do olhar. Ampliando assim, a gama de

³ As palavras *status*, *Skype*, *wifi*, *touchscreen*, *bluetooth* fazem parte do vocabulário virtual, as quais constituem funções e possibilidades de sites de relacionamento e funções de celulares e computadores modernos.

possibilidades do sujeito que utiliza tais máquinas de ter acesso a informações e conteúdos que antes não chegavam a ele, bem como, explorar as funções destes aparelhos, como por exemplo, suas câmeras fotográficas e de vídeo a fim de registrar seu cotidiano e desenvolver um olhar crítico e sensível em torno de sua realidade.

Todavia, tais meios tecnológicos acabam por limitar a percepção da realidade e as relações sociais e interpessoais, uma vez que o foco e boa parte das relações do sujeito se limitam apenas à pequena tela virtual. Esta limitação de relações à tela virtual acaba por reafirmar as perversidades do consumo e da corrida constante contra o tempo que a sociedade contemporânea defende para sua continuidade.

Parafraseando Duarte Júnior (2000, p. 100), é preciso notar-se o quanto essa avassaladora estimulação visual e de informações presente em nosso cotidiano não desenvolve verdadeiramente o olhar das pessoas, mas simplesmente o dirige e o condiciona para uma restrita percepção do mundo em que vivem.

O autor também reflete sobre a relação deste simulacro de realidade presente no cotidiano moderno e qual o reflexo desta ação virtual e espetacular para com a inter-relação dos sujeitos. Coloca ainda, em relação aos sentidos do ser humano – tato, olfato, paladar, audição e visão –, que a visão é um dos sentidos mais afetados pela contemporaneidade, pois passa a ser “bombardeado” pelas representações da realidade do que com a própria realidade. Para melhor compreender esta reflexão, volto a trazer como exemplo as imagens que observei de minha janela.

Imagino agora a mulher que falava ao telefone, já a perdi de vista, mas imagino-a chegando a sua casa. Entra em seu quarto no mesmo ritmo que estava na rua, e se depara com sua colega de quarto que está deitada na cama olhando um programa de televisão. Na televisão, entremeio a programação havia alguns anúncios: “como perder peso em uma semana”; “os novos aplicativos nos celulares com *android*”; e por último “A nova coleção primavera-verão de 2014”.

Ela se interessa pelo programa e senta-se para assistir também. Antes de começar as reportagens, o jornalista apresenta alguns suplementos alimentares produzidos com alta tecnologia e “garantem” o emagrecimento em um curto espaço de tempo e que apenas naquela hora estão “a preço de banana”: R\$ 300,00 a primeira parcela. Contudo, informa que o uso do produto sem o acompanhamento de exercícios físicos e sem uma alimentação saudável, pode não realizar os

resultados esperados e, por fim, adverte que sua ingestão em demasia pode provocar efeitos colaterais.

Em seguida, o jornalista chama uma mulher – branca, de cabelo liso, corpo esbelto, músculos definidos e roupas de ginástica – para dar seu depoimento. Enquanto a mulher fala, no telão que fica em segundo plano do cenário, passa um vídeo no qual ela toma um dos suplementos e se exercita na academia com roupas e calçados da moda, suada e rindo. A mulher do telefone e sua colega entreolham-se, depois ainda imóveis, baixam os olhos para si e analisam seus corpos, não comentam nada. Depois, voltam a prestar atenção na TV.

O programa entra no intervalo comercial onde há um bombardeio de imagens, *slogans*, músicas que parecem impregnar na mente. O público alvo parece ser todo e qualquer ser vivo que possa adquirir os produtos que são ofertados.

Aqui percebo mais uma situação avessa, a mulher que estava apressada, correndo contra o tempo, depara-se com a televisão ligada e fica estática. É como se da imagem reproduzida no aparelho surgisse um pequeno fio e a amarrasse dentro de seu espetáculo. Também, não posso deixar de destacar a reação das mulheres frente ao “corpo perfeito” estipulado pelo programa, e o consumismo desenfreado frente um produto de pouca importância e de eficácia duvidosa.

O sociólogo polonês Zigmunt Bauman em sua obra “Modernidade Líquida” (2001, p.99) ao considerar as relações do sujeito frente ao consumismo e o uso das imagens nos meios de comunicação em massa afirma que:

[...] Lembre-se, por exemplo, o formidável poder que os meios de comunicação de massa exercem sobre a imaginação popular, coletiva e individual. Imagens poderosas “mais reais que a própria realidade” em telas ubíquas estabelecem os padrões da realidade e de sua avaliação, e também a necessidade de tornar mais palatável a realidade “vivida”. A vida desejada tende a ser a vida “vista na TV”. A vida na telinha diminui e tira o charme da vida vivida: é a vida vivida que parece irreal [...]

As situações apresentadas são ilustrações da sociedade contemporânea, na qual predomina o culto ao consumismo, ao corpo, ao virtual, a imagem, etc. Sem dúvida a configuração desta sociedade tem consequências sobre a vida das pessoas. Notoriamente, ocorre uma volatilização nas relações dos sujeitos a qual tem desqualificado e distanciado as relações interpessoais (eu com o outro), a relação interespacial (eu com o espaço/ meio que estou inserido), e acima de tudo a relação pessoal (eu comigo mesmo). Destaco que este processo de desqualificação das relações pode-se apresentar em um duplo sentido.

O primeiro é o processo de perda de determinadas qualidades nas relações e a adoção de outras. Por exemplo, substituem-se frequentemente as relações pessoais e interpessoais frente a frente, pelas virtuais. Hoje, por exemplo, se torna mais frequente conhecer e conversar com um “estranho” em um *site* de relacionamento, do que em um bar ou em uma parada de ônibus. A relação da conversação, do diálogo com o outro se torna um ato difícil (relação eu com o outro). Ou ainda, ao me exercitar vou até a academia e corro em uma esteira elétrica com um telão à minha frente reproduzindo imagens da natureza, com uma música monocórdia que lembra alguém batendo um martelo. Ao invés de ir até um parque entremeio as árvores e o gramado para realizar a mesma ação: caminhar ou correr (relação interespacial).

Ainda posso apontar o quão a relação pessoal (eu comigo mesma) também se modifica com este processo de volatilização utilizando como exemplo o modo como me expesso nas redes sociais quando estou em alguma situação desconfortável, antes mesmo de procurar entender o que aconteceu para tal situação ocorrer. Ou então, independente do local que estou registro-o com uma fotografia antes mesmo de deleitar este espaço.

Entretanto, também é necessário apontar os pontos positivos que a inserção das relações virtuais tem na vida do sujeito contemporâneo, pois esta forma de relação que tem o poder de distanciar as relações pode também aproximá-las, ou seja, também tem a capacidade de diminuir as distâncias entre uma pessoa e outra. Se voltarmos um pouco ao passado onde a forma mais tradicional de se comunicar com uma pessoa que estava longe era a troca de cartas, e estas demoravam semanas, até meses para chegar ao seu destinatário, hoje, em questão de segundos se tem contato com uma pessoa que pode estar em outro continente e manter um diálogo direto com esta.

O segundo sentido associado a esta desqualificação a ser apontado é que este processo no qual se dá a substituição de relações e valores não são qualitativamente superiores às anteriores. Há uma perda de conteúdo, ou seja, a maneira como me relaciono com os outros, com o espaço que estou inserido, em consequência comigo mesma, não me proporciona o enriquecimento, como um todo, destas relações.

Duarte Júnior (2000, p. 78), afirma que é possível perceber os principais pontos de mudanças das relações humanas nas situações mais cotidianas. Para tal

afirmação, o autor leva em consideração questões estruturais, como por exemplo, a moradia, a disposição dos prédios das grandes cidades. Até as ações mais essenciais de nossa existência: o alimento que ingerimos, os cheiros que sentimos, o que vemos, o que e com quem conversamos, a maneira como caminhamos, enfim, todas as formas de relação e percepção do cotidiano que fazem parte desta formação sensível do ser humano. Em sua análise, verifica que a maneira como vivemos atualmente nos condiciona para uma anestesia de nossos sentidos e percepções.

Acrescentando tal pensamento, o terapeuta corporal Nelson Lucero (2009), no programa “Café Filosófico” apresentado pela filósofa e poeta Viviane Mosé, ao responder o tema do programa “o que podem os afetos”, traz para a discussão que o corpo – pensado como um todo – é formado por milhões de células vivas, que pulsam vida e afetos, vida e sentidos. É um organismo vivo e se pensado de maneira separada, torna-se doente de sentido e de afeto. O afeto aqui citado está intrinsecamente ligado à expressão, ou seja, a forma que me relaciono com o outro e comigo mesmo, e aos sentidos (físicos e sensíveis). Assim, ao verificar que na contemporaneidade os espaços de expressão, de afeto, estão cada vez mais limitados, subentende-se que os sentidos também estão limitados, anestesiados.

Desta forma, analisando as reflexões apresentadas acima, percebe-se que há uma falência dos sentidos do sujeito contemporâneo. As consequências das relações voláteis, os cultos a questões ligadas ao consumismo e ao simulacro da realidade acabam por limitar as experiências sensíveis. Percebe-se uma anestesia corpórea, como se o “portal sensível” fosse praticamente fechado.

Sob este ponto de vista, na tentativa de dissolver a dicotomia cartesiana de corpo e mente ou cérebro e corpo, corpo e espaço, bem como “eu” e o corpo, meu corpo e o do outro, corpo e aparelhos tecnológicos, a qual acaba por seccionar as diversas formas de percepção do sujeito e suas relações com o espaço e com o outro. Ouso relacionar o sujeito a uma “totalidade sensível” que é capaz de sentir e fazer o outro sentir, de interagir consigo mesmo e com o outro, de ser afetado e de afetar.

A partir destes avessos contemporâneos, surge a questão central deste capítulo que consiste na *educação do sensível*. Duarte Júnior, autor que embasa teoricamente esta pesquisa, coloca que esta terminologia está profundamente

relacionada com o termo grego *esthesis* (estesia) que significa sentir o mundo⁴. O termo estesia pode ser considerado a capacidade sensível do “ser humano de perceber e organizar os estímulos que lhe alcançam o corpo”. Ainda para o autor, “a ‘estesia’ diz mais de nossa sensibilidade geral, de nossa prontidão para apreender os sinais emitidos pelas coisas e por nós mesmos” (2000, p. 142).

Sob este aspecto, compreende-se que a educação do sensível busca ultrapassar as dicotomias cartesianas em torno das relações do sujeito e de sua intervenção na realidade. Assim como, busca unificar e enriquecer os “pequenos mundos” que o sujeito convive e constrói diariamente. Entendo o termo “pequenos mundos” as dicotomias mais perversas que a contemporaneidade nos oferece nas quais o mundo do trabalho é separado do mundo do estudo, que é separado e melhor se não mantiver contato algum com o mundo do “eu”. Assim como, o pequeno mundo pessoal (eu) que não se encontra como o mundo do(s) outro(s) e por muitas vezes os pequenos mundos internos (eu) também não se relacionam.

A partir desta reflexão, atrevo-me dizer que a educação do sensível abrange de forma transversal as diversas áreas de conhecimento, e o ideal seria se transbordasse para além dos ambientes formais de ensino que aquela busca estabelecer-se, e transpassasse diariamente em nosso cotidiano. Uma educação que visasse um sujeito inteiro e não formado por pernas, braços, tronco, umbigo, pés e cabeça, enfim, um *Frankstein* contemporâneo.

Por mais idealista que pareça ser tal pensamento, a educação do sensível incide em uma percepção mais aguçada, mais saborosa das coisas. Bem como, permite ao corpo, que historicamente passa por um processo de aprisionamento, a experimentar o toque, o vento, o ato de escrever e deste ato sentir prazer por sentir a pele deslizando sobre o papel e por hora sujando-a de tinta da caneta. Prazer e por que não uma pitada de medo, ao ler e saborear e colorir as palavras que acabara de escrever.

⁴ Programa de debates “Educação brasileira” produzido pela UNIVEST- TV. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=9FKXyFA8cTY>> Acesso no dia 03 de novembro de 2014.

2 Encontro de pequenos mundos

Busco compartilhar neste capítulo o relato e análise com base na educação do sensível de pequenos mundos que encontrei no ano de 2013 a partir de uma experimentação na sala de aula. A experiência aqui relatada é sobre o processo de Estágio Supervisionado de Docência em Teatro II – Ensino Médio que realizei em uma escola municipal da cidade de Santa Maria – RS com uma turma noturna de Educação de Jovens e Adultos (EJA) denominada “Turma Oito” (T-8). Neste breve encontro, procurei desenvolver um trabalho que envolvesse não só a questão da experimentação do teatro na sala de aula, mas que tal ação dialogasse e afetasse as mais variadas maneiras de sentir e perceber o cotidiano de forma mais poética.

Em um dos primeiros encontros desta disciplina do curso de Licenciatura em Teatro fui questionada: se você pudesse resumir em uma única palavra o que você quer realizar na escola, qual seria? Por um longo momento não soube o que responder, depois respondi: DIÁLOGO.

A partir desta palavra, comecei a revisitar minha formação escolar, como eram as salas de aula, as cores da escola, as filas que formávamos, e, acima de tudo, como é a educação formal e tradicional que ainda transpassa os séculos e se instaura nas escolas. Deste modo, comecei a estudar e ser afetada junto com minhas colegas com as mais variadas maneiras de afeto: músicas, poesias, filmes e autores que cada vez mais nos inspiravam.

Neste período conheci as obras de Manoel de Barros, poeta brasileiro que reflete em sua pessoa as bonitezas que escreve. Transvê o mundo e o transversa. Desenha com poesia e faz do rio uma cobra de espelho. Suas palavras trazem afeto, sensações e vontade de transver as coisas.

Quando chegou a hora de atravessar o arco e ir para a escola, havia um sentimento de descoberta e ansiedade. A sensação de ir ao encontro do desconhecido e a partir dele torná-lo parte de si é um dos aprendizados mais intensos da docência.

Iniciei o trabalho com a Turma Oito de uma maneira diferente, compartilhei com os sujeitos que ali estavam minhas lembranças crianceiras, que são para mim um tanto sagradas. Desvendei já no primeiro encontro minhas raízes, minhas

vontades, tudo regado ao sabor do chimarrão e de pipoca. Ouvi deles suas histórias e os porquês de estarem de volta à escola.

Nas histórias que compartilharam havia algo que unificava o grupo sem as próprias pessoas que o constituíam perceberem. Todos estavam ali para tentar melhorar suas vidas, seja no trabalho ou no encontro com os colegas. De um modo geral, esperavam daquele encontro – mesmo que inconscientemente – um enriquecimento em suas relações.

Aparentemente foi a primeira vez que dialogaram sobre suas vidas e desejos de estarem na escola, a primeira vez que falaram como se sentiam depois de passar o dia trabalhando e a noite estar ali na sala de aula. Às vezes – e na maioria delas – cansados, outras, com vontade de estar lá, ver gente e sair da rotina. Combinamos naquele dia que nossos encontros iriam ser construídos a partir das necessidades e dos anseios da turma.

Após este primeiro encontro, percebi os primeiros desafios que enfrentaria: a Turma Oito era formada por jovens de vinte e poucos até a senhora de setenta anos e era dividida em pequenos mundos que não se reconheciam e não reconheciam o grupo que faziam parte. Assim, veio o questionamento: como desenvolver a prática teatral, que é essencialmente trabalhada em grupo, com sujeitos que não se reconhecem como e em tal?

Para tentar dissolver um pouco das distâncias presentes na T-8, comecei a explorar primeiramente jogos teatrais que proporcionassem a atenção e escuta do grupo como um todo. De mãos dadas foi desenvolvido um pouco do ritmo do grupo, um ritmo único em uma movimentação compassada. Havia certa dificuldade de escuta causada pelos olhos que não se encontravam. Repetimos uma, duas, três vezes, até que começou a ter mais escuta, começou a ter ritmo, a ter olhar mesmo que tímido e desconfiado.

A partir do momento que a relação do grupo havia se aproximado e se tornado um pouco mais harmônica, surgiu um novo desafio. O qual começou a surgir logo no segundo encontro quando pedi às pessoas da turma que dessem as mãos para iniciarmos nossa atividade e muitos não quiseram tocar o outro que estava ao seu lado.

Após me questionar e perceber que muitas vezes o toque, a percepção das texturas, o carinho que a palma da mão faz em um tecido diferente, a sensação de ter terra escorrendo por entre os dedos, de tentar pegar a água e de tocar o outro

estão cada vez mais escassos nesta sociedade avessa que fazemos parte, arrisquei experimentar o toque com as pessoas que formavam este grupo.

Para tentar proporcionar às pessoas da Turma Oito o toque, sugeri que tocássemos primeiramente nossas próprias faces e a partir deste toque descrever a sensação que tal afago nos proporcionara. Muitos riram, alguns falaram das rugas e de suas expressões, outros que era bom sentir a mão deslizando sobre o próprio rosto. Então provoquei um breve desconforto, e se “eu” tocasse o outro? Como proposta de descoberta, indiquei que em duplas cada pessoa esquentasse suas próprias mãos e, em seguida de mãos aquecidas, cada dupla iria aos poucos explorando as feições do outro, alentando e cuidando do outro.

*Estranho medo de tocar o outro
Outro eu?
Estranho outro que me olha desconfiado
Estranha desconfiança nos afeta.
E se o toque fosse acontecer?
E se o olhar não desconfiasse?
E se só a confiança fosse afetar?!⁵*

Do simples jogo de contato, surgiram reações variadas das pessoas do grupo: alguns riram nervosos, outros disseram que não iam participar da atividade, e outros falaram que fazia muito tempo que não se sentiam tão bem, e nunca tinham pensado que poderiam ter este tipo de experiência na escola.

Aos sujeitos que se recusaram a participar da atividade, foi proposto que observassem o exercício, observassem o toque e após, falassem suas percepções sobre a atividade. Estes, ao final, comentaram que os colegas pareciam estar mais “faceiros” e que alguma coisa havia mudado. Dizer concretamente o que havia mudado não posso – nem sei – dizer o que foi, mas existia ali um sinal de confiança crescendo entre o grupo. De certa forma o contato com outras maneiras de se relacionar estava afetando o grupo e me afetando.

Para mim também era novidade esta forma de trabalho, a cada encontro ia descobrindo novas formas de sensibilização. Atrevia-me a participar das atividades junto com a turma e, de certo modo, comecei a fazer parte também da T-8. Sentia que na medida em que os encontros iam transcorrendo, eu estava passando por um processo de sensibilização em conjunto com aquelas pessoas.

⁵ No decorrer deste capítulo, trarei para o corpo do texto breves poemas que escrevi durante o processo dos encontros com a Turma oito.

Instigando ainda a questão da percepção e com o intuito de ampliar a perspectiva sensível do olhar, perguntei para a turma: “O que meus olhos veem? O que seus olhos veem?”. Entretanto, antes de respondermos esta pergunta, questionei “como são nossos olhos?” e antes que me respondessem com palavras, pedi ao grupo que os desenhassem em uma folha de papel. Surpresos com a atividade pegaram pequenos espelhos e se olhavam curiosos como que descobrindo uma nova parte de si.

De olhos desenhados sugeri que começassem a observar o espaço que estavam, e em seguida, fossem descrevendo o que viam. Desta descrição surgiram os objetos concretos que compunham o espaço da sala de aula. E desta descrição mais concreta e realista, começou a surgir adjetivos em conjunto com os objetos que eram relatados.

Continuei a questionar a turma “O que meus olhos veem?”, algumas pessoas indagaram por que eu estava repetindo a pergunta, respondi que era para ter certeza se era só aquilo que os nossos olhos estavam vendo. Então, começaram a surgir não coisas: coisas que não são coisas. Foi falado aos olhos do poeta.

Uma não coisa!
Das não coisas, o que meus olhos veem?
Eles veem curiosidade
Devagar e timidamente alguém diz: Tudo.
O que meus Olhos veem?
Sorriso
Um rindo, O Chaves
Um sério, a lixeira.
O que meus olhos veem?
Boca de lata
Crianças
Brincadeira
Olhar de raiva.
Raiva mortal...
O que meus olhos veem?
O vento!
Olhar de saudade
Olhar de cansado
Um completa:
Os nossos olhos veem tudo
E às vezes, não querem ver nada,
Eles escolhem o que querem ver...

Depois deste encontro em questão, comecei a perceber as reais mudanças de relação e percepção que estavam ocorrendo com nós – eu e a turma –, nossa relação estava mais próxima. O grupo estava mais unido, os pequenos grupos continuavam a existir, mas dentro do todo que formava a T-8. A turma confiava em mim e eu neles.

Mesmo que sutilmente a percepção dos sujeitos havia se alterado, a maneira como estes observavam as coisas e as situações ao seu redor, como relatavam os seus dias mais corriqueiros estava de certa forma diferente. Estava mais viva, parecia mais completa.

Eu agora conseguia perceber a importância real de uma educação que visasse um sujeito inteiro e que estimulasse sua capacidade sensível de percepção das coisas, que ampliasse a escuta, o olhar sobre aquilo que vemos e sentimos. Acabava por perceber mudanças na forma como me relacionava, não só com as pessoas da Turma Oito, mas com os ambientes que fazia parte.

Para os encontros que se seguiram, comecei a trazer outras referências de sensibilização. Mais uma vez os olhos foram estimulados a olhar para além do concreto. Com o auxílio técnico do projetor e a janela de papel impresso cheia de fotografias com o nome de “Corpo e Alma” de Orlando Brito, iniciou-se uma chuva poética.

Das imagens projetadas, foram olhadas figuras que divertem, criticam e choram. Que lembram outros tempos, que são sobreposições onde o corpo interage com o objeto e vice-versa, invenções sobre a concretude das coisas e o concreto do asfalto e dos prédios. Um respiro do artista que intervêm na cidade.

Várias pessoas da turma disseram que era a primeira vez que tiveram contato com aquelas imagens e fotografias. Também colocaram que tinham percebido algumas intervenções (principalmente muralismos) pela cidade, mas que a princípio não consideravam que as imagens nas ruas eram também uma forma de arte, pois achavam que obras artísticas só podiam estar em museus ou em galerias.

Neste diálogo com a T-8, surgiu a questão: “e se nós intervíssemos na escola? Um respiro, um momento poético dentro do espaço escolar?”. Na semana seguinte tive uma surpresa muito saborosa, a turma trabalhou durante os dias que antecederam o encontro registrando as pessoas da turma em ações do cotidiano escolar e produziram um vídeo com este material. Uma intervenção singela que guarda ainda hoje as lembranças dos momentos compartilhados durante aquele período, deu mais vida à T-8.

Para mim, o que este vídeo retratava? Sintomas de coletivo. Coletivo, sim. O grupo trabalhando junto, caminhos de autonomia. Deste encontro com a T-8 cada momento foi sentido e deleitado. Guardo comigo cada riso das pessoas ali presentes, cada momento de palmas, de brilho nos olhos, de satisfação.

Epílogo

Sempre compreendo o que faço depois que já fiz. O que sempre faço nem seja uma aplicação de estudos, é sempre uma descoberta. Não é nada procurado. É achado mesmo. Como se andasse num brejo e desse no sapo. Acho que é defeito de nascença isso. Igual como a gente nascesse de quatro olhares ou de quatro orelhas...

*Pintura
Manoel de Barros, 2010.*

Foi tentando criar um novo caminho em minha formação enquanto docente-artista que me deparei com a questão da educação do sensível. Sem entender bem ao certo o que era em teoria ou como ela poderia ser colocada em prática na sala de aula, fui entendendo-a assim, nos mistérios do encontro com o outro.

Compreendendo – mesmo que pouco aprofundado – no que consiste a educação do sensível, percebo que este tema ainda é pouco explorado nas instituições de ensino e, por consequência, pouco reflete em nosso cotidiano. Formando assim, de um modo geral, um mundo avesso com relações voláteis e distantes, sujeitos individualizados e fragmentados que não se reconhecem e não reconhecem sua participação na sociedade que fazem parte.

Na conclusão permanentemente em construção deste trabalho, percebo que as situações avessas que apresentei são apenas “a ponta do *iceberg*” onde o problema fundante destes avessos é ainda mais complexo e perverso. Entendendo desta forma, que tais situações são uma consequência do problema, mas não a causa. Sendo assim, aponto como necessário o aprofundamento nos estudos que aqui iniciei.

Depois de ter me dedicado a lembrar cada encontro realizado na Turma Oito, acabo por perceber que os sujeitos que a constituíam são um reflexo das pessoas que vi passarem em minha janela. Sujeitos que se mostravam anestesiados, com suas percepções pouco aguçadas não por escolha, mas pela condição posta pelos avessos da sociedade contemporânea.

Condição esta que é reafirmada cada vez que levantamos a cabeça de nossos travesseiros e não percebemos nosso corpo ainda sonolento, nem o sol entrando pelas frestas da janela, o cheiro do café, a textura da toalha que nos secamos mecanicamente. Bem como não cumprimentamos a pessoa que passa todos os dias em nossa frente seguindo o caminho que sempre faz, e seguimos nosso dia resolvendo nossos problemas, realizando tarefas ditas necessárias para completarmos o dia tranquilo.

Ressalto também que nos encontros com a Turma Oito não considero que o contato com a educação do sensível tenha modificado a vida daquelas pessoas para sempre, este não é e nem foi o objetivo, mas, de alguma forma, naquele momento específico dos encontros, a rotina de nossos dias se modificava, se sensibilizava, se desprendia da anestesia avessa que se naturalizou em nosso cotidiano. E naquele momento específico talvez, unificávamos os pequenos mundos que nos constituem.

Destaco também que comecei a me ouvir mais plenamente, confesso que em alguns momentos na sala de aula ouvia minhas vontades pulsando e as compartilhava com a turma. Talvez pela cumplicidade que se criou em nossos encontros, os desejos, as vontades e até mesmo os medos eram ouvidos e compartilhados e em muitas vezes tais sentimentos perpassavam cada pessoa presente naquele espaço.

Reconheci-me perante aquelas pessoas, reconheci meu passado, meus anseios, minhas indignações, minhas vontades de mudança. Reconheci inclusive o quanto minha percepção estava também anestesiada. Por este motivo entendo o quanto este breve encontro com a Turma Oito foi e ainda é importante para mim, pois, foi ali no encontro com aqueles pequenos mundos que reinventei minha práxis percebendo o quão a escuta, o diálogo e a relação repleta de afeto para com o outro e comigo mesma podem tornar as relações distanciadas e avessas, mais próximas, mais sensíveis e mais vivas.

É por este motivo que destaco a importância de uma educação que tenha como prioridade o olhar – e o olhar verdadeiro – para o outro como uma pessoa inteira, como uma totalidade sensível, que sente, vê, cheira, pensa, caminha, ouve, sente medo, prazer, tristeza, alegria, deleita o toque, enfim que vive plenamente com o mundo e consigo mesmo.

Referências bibliográficas

- BARROS, Manuel. **Memórias inventadas: a segunda infância**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- DOBORD, Gui. **A sociedade do espetáculo**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DUARTE Júnior, João Francisco. **O Sentido dos sentidos: a Educação (do) Sensível**. 2000. 234 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas – SP.
- GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso**. Tradução: Sérgio Faraco; ilustração: José Guadalupe Posada. Porto Alegre – RS: L&PM Editores. 2010.
- MOSÉ, Viviane. **O que podem os afetos**. Disponível em <<http://www.cpficultura.com.br/wp/2009/11/19/integra-o-que-podem-os-afetos-viviane-mose-e-nelson-lucero/>>. Acesso no dia 16 de setembro de 2014.